

CANCIONEIRO

A GRANDE MESTRA

A luz do Astro-rei, das brumas do Levante,
Começa de surgir, impávida, brilhante.
E a Terra — a fértil Mãe — a Terra Criadora,
Nos braços de Morfeu dormita, sonhadora.
Mas pouco a pouco, o Sol, no extremo do horizonte,
Começa de nimbar o cimo dalgum monte.
E logo a Criação, repleta de alegria,
Despertando, saúda a clara luz do dia.
Primeiro o rouxinol com seu canto argentino;
Depois da cotovia o mavioso trino
E os aromas da flor, miríficos, suaves,
Mais os trilos gentis, canoros de mil aves,
Mais as palpitações do mádido elemento
E as carícias subtis do puro e casto vento...

Desde o cravo gentil até a linda rosa;
Da açucena modesta, alegre, vaporosa,
Ao casto amor-perfeito e à rósea margarida;
Do pálido jasmim à sempre-noiva qu'rida...
Do pesado elefante ao jocoso pardal...
Do sereno regato à fúria do caudal...
Tudo desperta a rir, à luz do novo dia,
Cantando hinos ao Sol, repletos de harmonia.
E a fértil Natureza, a todos a sorrir,
Nas galas matinais, eterno refflorir,
Nos ensina os clarões de paz e de bondade,
O Amor, a Vida, a Luz, a límpida Verdade.

Lx.º 251-VI-914.

João Mântua.

O comunismo e a instrução

Entre estas duas coisas, instrução e comunismo, o laço é tão estreito, que uma nada poderia fazer sem a outra, nem um passo á frente, nem um passo atrás. Teem constantemente marchado de companhia e a par na humanidade, e até o fim da sua viagem comum, nem uma linha se hão de distanciar.

Ignorancia e comunidade são incompatíveis. Generalidade da instrução sem comunismo e comunismo sem generalidade da instrução, constituem duas impossibilidades iguais. O homem da comunidade é aquele a quem se não engana nem domina. Ora, todo o ignorante é um parvo e um instrumento de parvoíce, um servo e um instrumento de servidão.

A comunidade avançará passo a passo, paralelamente á instrução, sua companheira e seu guia, nunca adiante, nunca atrás, sempre a par. E será completa no dia em que, graças á universalidade das luzes, nem um só homem possa ser ludibrio de outro. Nesse dia ninguém quererá sofrer a desigualdade de fortuna. Ora, só o comunismo satisfaz a esta condição. As pessoas instruidas não suportam hoje essa desigualdade, senão por uma questão de pundonor. Contra o roubo social, a consciencia interdiz, em nome da solidariedade, todas as represalias particulares. O ladrão não passa de um emulo do depredador capitalista.

Objectar-se-há talvez que a igualdade da educação não traz consigo a das intelligencias, e que permanecerá sempre a desigualdade dos cerebros para constituir uma hierarquia intellectual, desde o genio até á nulidade. De acordo. Mas no

cerebro mais pobre a instrução integral será uma armadura sufficiente, á prova do logro, seja qual for a sua mascara. A experiencia o prova.

O comunismo é a salvaguarda do individuo; o individualismo é a sua exterminação. Para um, todo o individuo é sagrado; o outro considera-o um simples verme da terra e imola-o por hecatombe á sangrenta trindade Loyola, Cesar e Shylock, dizendo em seguida com toda a fleugma: — «A comunidade seria o sacrificio do individuo».

Ela perturbaria o festim dos antropofagos, não ha dúvida. Mas os que lhe sofrem os encargos não acharão mau semelhante transtorno. E isso é o essencial. De mais, sob que pretexto levantar questões? Trata-se de impor o comunismo a priori? De maneira nenhuma. Limitamo-nos a predizer que elle será o resultado infalível da instrução univesalizada. Quem poderia condenar o desenvolvimento rapido das luzes? Se deve seguir-se-lhe o advento regular da comunidade, ninguém tem uma palavra a dizer.

Cada qual proclama a instrução, a unica resposta possível aos enigmas da esfinge social. Não é, porém, absolutamente certo que esta invocação seja sincera em todas as bocas. Dá-se com esta palavra o que se dá com todas as que põem um problema. Cada partido, cada definição. Para os padres, a instrução é o catecismo e nada de sciencia; para os socialistas é a sciencia e nada de catecismo.

(Critique Sociale)

Augusto Blanqui.

A PROPOSITO DA GUERRA

A falencia do socialismo — Sindicalistas alemães — A attitude de Liebknecht

Ha quem censure os socialistas, os revolucionarios, por não terem sabido morrer pela causa e terem querido morrer pela causa dos outros; ha quem censure o socialismo, todo o socialismo, de nada ou pouco haver feito para impedir a guerra, de haver falido, em suma. Charles Albert escreve a esse respeito:

Não é, penso eu, nos oito dias de conferencias diplomaticas que precederam o sinal de massacre, que se podia pensar em impedir o massacre. Não se detem a guerra europeia em oito dias, nem em oito mezes, nem em oito anos. E' mais longe que se devem procurar os nossos erros: é atrás, nos vinte ou trinta ultimos anos. E é bem certo que não se fez tudo o que se teria podido fazer. Nós não tinhamos o socialismo que era necessário ter (entendo por socialismo o conjunto das agrupações de defesa proletaria) para o impôr aos dominadores do mundo. Por culpa de quem? Desde a velha disco: dia de Bakunine e Marx, está o socialismo cortado em dois. Os latinos queriam um socialismo de audacia, de altivez, de vida ardente, de renovação moral, um socialismo de consciencia e de liberdade, numa palavra; e os germanos opuseram lhes com todas as suas forças o seu socialismo de doutrina pedante, de burocracia e de docilidade. Demais todos aqueles que em França entorpeciam, continham, imprimiam sensatez ao socialismo, tomavam na Alemanha o seu ponto de apoio e o seu estímulo. Por certo, para a paz da nossa consciencia, convinha ter passado alem, tentado tudo para levar o socialismo alemão a reconhecer os seus erros. E eu sou dos que pensam que o socialismo latino devia ter ido, por protesto, até á ruptura da Internacional. Todavia é duvidoso que se alcançasse bom exito. O socialismo alemão estava muito enfatuado da superioridade dos seus metodos; e o meio em que se movia era esplendidamente formado para o confirmar na sua acção.

Não ha o elemento revolucionario no movimento sindical alemão? E' uma pergunta que, na incerteza do que se passa, acode naturalmente ao espirito. C. Rupert responde nestes termos:

Decerto que ha. Mas pelo que sabemos, foi esmagado logo no começo da guerra. Na Provincia renana, na Westfalia e em Berlim muitos sindicalistas revolucionarios foram simplesmente presos. Em Berlim, *Einigkeit* e *Pionier*, os dois orgãos do movimento sindicalista revolucionario, representado pela União Livre dos Sindicatos, foram suprimidos; e depois d'isso Fritz Kaster continua a luta por meio de uma pequena «folha de correspondencia», de quatro paginas, *Mitteilungsblatt* da comissão executiva da *Freie Vereinigung*. Por via da Holanda termos obtido alguns numeros deste jornal. Nota-se neles que, vendo-se embora na impossibilidade de exprimir nitidamente as suas opiniões, os sindicalistas revolucionarios alemães as fazem entrever pela maneira clara com que repelem as ideias imperialistas e patrioteiras da social democracia e dos grandes sindicatos.

O *Combate*, orgão central do partido socialista português, no seu número de 27 de Dezembro

ultimo, inseriu, sem o mais ligeiro comentario, o texto completo da declaração ou protesto do deputado socialista alemão Karl Liebknecht, contra os novos creditos de guerra pedidos pelo governo do *Kaiser* e votados ultimamente no *Reichstag*. Nessa declaração, que não poudo ser lida na camara por se ter oposto a isso o presidente, Liebknecht, segundo a tradução do *Combate*, diz o seguinte:

A guerra actual não é uma guerra de defesa para a Alemanha. O seu caracter historico e a successão dos acontecimentos impedem-nos acreditar num Governo capitalista, quando declara que pede os creditos para a defesa da Patria.

Uma paz pronta e que não humilhe nada, uma paz sem conquistas é o que ha que pedir. Todos os esforços em tal sentido se devem acolher com calor. Sómente a affirmação continua e simultanea desta vontade em todos os países belligerantes, poderá deter a cruenta matança antes do esgotamento absoluto de todos os povos interessados. Só uma paz baseada na solidariedade internacional da classe operaria e sobre a liberdade de todos os povos pode ser uma paz duravel. E neste sentido o proletariado de todos os países deve secundar, ainda no decurso da guerra, um esforço socialista pela paz.

Que pensa disto o mundo operario organizado? Em Paris divide-se o parecer dos militantes. Uns louvam Liebknecht e consideram as suas palavras como um grito de reprovação e esperança, precedendo a hora da reconciliação, se nas massas operarias alemães encontrar o eco que merece; outros sem perguntarem, — como aliás nós já ouvimos fazer, — se as palavras do deputado alemão seriam as mesmas, dado que a sorte das armas tivesse sido outra e a situação da Alemanha e particularmente do seu exercito fosse melhor do que é, affirmam: que os socialistas e sindicalistas alemães se colocaram na necessidade de dar provas da sua sinceridade; que esta prova só a darão, não pedindo a paz, mas encetando um movimento de agitação contra o imperialismo; que a palavra «internacional», nas circunstancias actuaes, são como uma extranha ironia; e que não haverá Internacional enquanto o proletariado alemão não estiver pronto a entrar nela com sentimentos igualitarios.

Se cada um, esquecendo-se de si proprio, trabalhasse para os outros, deles receberia muito mais do que dava e não se poderia imaginar sociedade melhor.

Pueris e malfazejos, os homens parecem tomar gosto em se aborrecerem, uns e outros, da humanidade.